



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO
A MOÇAMBIQUE, MADAGASCAR E MAURÍCIO
(4 - 10 DE SETEMBRO DE 2019)

ENCONTRO INTER-RELIGIOSO COM OS JOVENS

DISCURSO DO SANTO PADRE

Estádio de Maxaquene, Maputo
Quinta-feira, 5 de setembro de 2019

[Multimídia]

Muito obrigado pelas vossas palavras de boas vindas; muito obrigado também por todas e cada uma das representações artísticas que vós realizastes. Obrigado! Muito obrigado! Sentai-vos, ponde-vos à vontade!

Vós me agradecíeis por ter reservado tempo para estar convosco. Que pode haver de mais importante para um pastor do que estar com os seus? Que há de mais importante para um pastor do que encontrar-se com os seus jovens? Vós sois importantes! Precisais de o saber, precisais de acreditar nisto: vós sois importantes! Mas revestidos de humildade. Porque não sois apenas o futuro de Moçambique, ou da Igreja e da humanidade; vós sois o presente, sois o presente de Moçambique: com tudo o que sois e fazeis, já estais a contribuir para ele com o melhor que hoje podeis dar. Sem o vosso entusiasmo, os vossos cânticos, a vossa alegria de viver, que seria desta terra? Sem os jovens, que seria desta terra? Ver-vos cantar, sorrir, dançar, no meio de todas as dificuldades que viveis – como justamente nos contavas tu – é o melhor sinal de que vós, jovens, sois a alegria desta terra, a alegria de hoje. A alegria de hoje, a esperança de amanhã.

A alegria de viver é uma das vossas características principais, a característica dos jovens é a alegria de viver, como se pode sentir aqui! Alegria partilhada e celebrada que reconcilia e se torna no melhor antídoto capaz de desmentir todos aqueles que vos querem dividir – atenção àqueles que vos querem dividir! –, que vos querem fragmentar, que vos querem contrapor. Como faz falta,

nalgumas regiões do mundo, a vossa alegria de viver! Como faz falta, nalgumas regiões do mundo, a alegria de estar unidos, de viver juntos, de diversas confissões religiosas, mas filhos da mesma terra, unidos.

Obrigado por estarem aqui as diferentes confissões religiosas. Obrigado por vos animardes a viver o desafio da paz e a celebrá-la hoje como família que somos, incluindo aqueles que, não fazendo parte de nenhuma tradição religiosa, também estão a participar... Estais a fazer a experiência de que todos somos necessários: com as nossas diferenças, mas necessários. As nossas diferenças são necessárias. Vós juntos – assim como estais – sois o palpitar deste povo, onde cada qual desempenha um papel fundamental, num único projeto criador, para escrever uma nova página da história, uma página cheia de esperança, cheia de paz, cheia de reconciliação. E eu pergunto-vos: Quereis escrever esta página? [*respondem: sim!*] Quando entrei, cantastes: «reconciliação. Podeis repeti-lo? [*todos: Reconciliação! Reconciliação! Reconciliação!*] Obrigado.

Fizestes-me duas perguntas, mas acho que estão ligadas. Uma delas: Como fazer para que os sonhos dos jovens se tornem realidade? A outra: Como fazer para que os jovens se envolvam nos problemas que afligem o país? Vós, hoje, apontastes-nos o caminho e ensinastes-nos como responder a estas perguntas.

Exprimistes com a arte, com a música, com a riqueza cultural que mencionavas com tanta ufania... exprimistes uma parte dos vossos sonhos e realidades; em todas elas, se mostram modos diferentes de assomar-se ao mundo e fixar o horizonte: sempre com olhos cheios de esperança, cheios de futuro e cheios de ilusões. Vós, jovens, caminhais com dois pés como os adultos, de igual modo, mas, ao contrário dos adultos que os mantêm paralelos, vós colocais um atrás do outro, pronto a arrancar, a partir. Vós tendes tanta força, sois capazes de olhar com tanta esperança! Sois uma promessa de vida, que traz em si um certo grau de tenacidade (cf. Francisco, Exort. ap. pós-sinodal *Christus vivit*, 139), que não deveis perder nem deixar que vo-la roubem.

Como realizar os sonhos, como contribuir para a solução dos problemas do país? Gostaria de vos dizer: não deixeis que vos roubem a alegria. Não deixeis que vos roubem a alegria. Não deixeis de cantar e expressar-vos de acordo com todo o bem que aprendestes das vossas tradições. Que não vos roubem a alegria! Como vos disse, há muitas maneiras de olhar o horizonte, o mundo, de olhar o presente e o futuro. Há muitos modos. Mas é preciso acautelar-se de duas atitudes que matam os sonhos e a esperança. Quais são? A resignação e a ansiedade. Duas atitudes que matam os sonhos e a esperança. São grandes inimigas da vida, porque normalmente nos impelem por um caminho fácil, mas de derrota; e a portagem que pedem para passar é muito cara; é muito cara. Paga-se com a própria felicidade e até com a própria vida. Resignação e ansiedade: duas atitudes que roubam a esperança. Quantas promessas de felicidade vazias, que acabam por mutilar vidas! Certamente conheceis amigos, conhecidos – ou pode mesmo ter

acontecido convosco – que, em momentos difíceis, dolorosos, quando parece que tudo lhes cai em cima, ficam prostrados na resignação. É preciso estar muito atento, porque esta atitude «faz com que te encaminhes pela estrada errada. Quando tudo parece estar parado e estagnante, quando os problemas pessoais nos preocupam, as dificuldades sociais não encontram as devidas respostas, não é bom dar-se por vencido» (*Ibid.*, 141). Não é bom dar-se por vencido! Repeti: Não é bom dar-se por vencido [*todos: Não é bom dar-se por vencido!*].

Sei que a maioria de vós gosta muito de futebol. É verdade? Recordo um grande jogador destas terras que aprendeu a não se resignar: Eusébio da Silva, a pantera negra. Começou a sua vida desportiva no clube desta cidade. As graves dificuldades económicas da sua família e a morte prematura do seu pai não impediram os seus sonhos; a sua paixão pelo futebol fê-lo perseverar, sonhar e continuar para diante... chegando a marcar 77 golos para este clube de Maxaquene! Não faltavam razões para se resignar... e ele não se resignou.

O seu sonho e vontade de jogar lançaram-no para diante, mas igualmente importante foi encontrar com quem jogar. Bem sabeis que, numa equipa, não são todos iguais, nem fazem as mesmas coisas ou pensam da mesma maneira. Não. Cada jogador tem as suas características, como podemos descobrir e desfrutar neste encontro: vimos de tradições diferentes e inclusive podemos falar línguas diversas, mas isto não impediu de nos encontrarmos. Muito se sofreu e continua a sofrer, porque alguns se julgam no direito de determinar quem pode «jogar» ou não: quem deve ficar «fora do campo». Um direito injusto. E passam a vida dividindo e contrapondo, e a fazer a guerra. Hoje vós, queridos amigos, sois um exemplo, sois um testemunho de como devemos agir. Testemunho de unidade, de reconciliação, de esperança. Como uma equipa de futebol. Como empenhar-se pelo país? Tal como estais a fazer agora, permanecendo unidos independentemente daquilo que vos possa diferenciar, procurando sempre a oportunidade de realizar os sonhos por um país melhor, mas... juntos. Juntos. Como é importante não esquecer que a inimizade social destrói. Juntos! [*todos: a inimizade social destrói*]. E uma família destrói-se pela inimizade. Um país destrói-se pela inimizade. Juntos! [*todos: a inimizade social destrói*]. O mundo destrói-se pela inimizade. E a inimizade maior é a guerra. Porque são incapazes de se sentar e falar. Sede capazes de criar a amizade social (cfr *ibid.*, 169).

Recordo o provérbio que diz: «Se quiseres chegar depressa, caminha sozinho; se quiseres chegar longe, vai acompanhado». [Repetimo-lo: «Se quiseres chegar depressa, caminha sozinho; se quiseres chegar longe, vai acompanhado»] Trata-se sempre de sonhar juntos, como estais a fazer hoje. Sonhai com os outros, nunca contra os outros; sonhai como sonhastes e preparastes este encontro: todos unidos e sem barreiras. Isto faz parte da «nova página da história» de Moçambique.

Futebol, equipas, jogar juntos. Jogar juntos ensina-nos que, inimiga dos sonhos e do compromisso, não é apenas a resignação, mas também a ansiedade. Resignação e ansiedade. A ansiedade: esta «pode tornar-se uma grande inimiga, quando leva a render-nos, porque

descobrimos que os resultados não são imediatos. Os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e determinação, renunciando às pressas. Ao mesmo tempo, é preciso não se deixar bloquear pela insegurança: não se deve ter medo de arriscar e cometer erros» (*Ibid.*, 142). É normal! As coisas mais belas formam-se com o tempo e, se algo não te saiu bem à primeira, não tenhas medo de voltar a tentar, uma vez e outra. Não tenhas medo de te equivocar! Podemos equivocar-nos mil vezes, mas não caímos no erro de parar porque há coisas que não correram bem à primeira. O pior erro seria abandonar, por causa da ansiedade, os sonhos e a vontade de um país melhor.

Por exemplo, tendes diante dos olhos aquele belo testemunho dado por Maria Mutola, que aprendeu a perseverar, a continuar a tentar, apesar de não ver cumprido o seu anseio da medalha de ouro nos três primeiros Jogos Olímpicos que disputou; sucessivamente, na quarta tentativa, esta atleta dos 800 metros alcançou a sua medalha de ouro nas Olimpíadas de Sidney. Tentar, tentar. A ansiedade não a deixou absorta em si mesma; os seus nove títulos mundiais não a fizeram esquecer-se do seu povo, das suas raízes, mas continuou a olhar pelas crianças necessitadas de Moçambique. Como o desporto nos ensina a perseverar nos nossos sonhos!

Gostaria de acrescentar outro elemento importante. Não à ansiedade, não à resignação e agora outro elemento importante: não deixem de fora os vossos idosos.

Também os vossos idosos podem ajudar para que os vossos sonhos e aspirações não estiolem, não sejam arrebatados pelo primeiro vento da dificuldade ou da impotência. Os idosos são as nossas raízes. Podemos dizê-lo todos? Os idosos são as nossas raízes. As gerações anteriores têm muito a dizer-vos, a propor-vos. É verdade que às vezes nós, os idosos, o fazemos de forma impositiva, como advertência, metendo medo. É verdade, às vezes metemos medo ou pretendemos que façais, digais e vivais exatamente como nós. É errado. Vós tereis de fazer a vossa própria síntese, mas escutando, valorizando aqueles que vos precederam. Não foi isto o que fizestes com a vossa música? Ao ritmo tradicional de Moçambique, a marrabenta, incorporastes outros modernos, e nasceu o pandza. O que escutáveis, o que víeis cantar e dançar a vossos pais e avós, assumiste-lo como próprio. Este é o caminho que vos proponho: um caminho «feito de liberdade, entusiasmo, criatividade, horizontes novos, mas cultivando ao mesmo tempo as raízes que nutrem e sustentam» (*Ibid.*, 184). Os idosos são as nossas raízes [todos: Os idosos são as nossas raízes].

Todos estes são pequenos elementos que podem dar-vos o apoio necessário para não vos encolherdes nos momentos de dificuldade, mas abirdes uma brecha de esperança; brecha que vos ajudará a pôr em jogo a vossa criatividade e encontrar novos caminhos e espaços para responder aos problemas com o gosto da solidariedade.

Muitos de vós nasceram sob o signo da paz, uma paz laboriosa que passou por momentos diversos: uns mais claros e outros de provação. A paz é um processo que também vós sois

chamados a fazer avançar, estendendo sempre as vossas mãos especialmente àqueles que estão a passar momentos difíceis. Grande é o poder da mão estendida e da amizade que se joga no concreto! Penso no sofrimento daqueles jovens que chegaram cheios de sonhos à procura de trabalho na cidade, e hoje estão sem teto, sem família e sem encontrar uma mão amiga. Como é importante aprendermos a ser uma mão amiga e estendida! Este gesto, o gesto da mão estendida. Todos juntos! O gesto da mão estendida [todos: o gesto da mão estendida]. Obrigado! Procurai crescer na amizade também com aqueles que pensam de maneira diferente, para que a solidariedade cresça entre vós e se torne na melhor arma para transformar a história. A solidariedade é a melhor arma para transformar a história.

Mão estendida, que nos lembra também a necessidade de nos comprometermos com o cuidado da nossa Casa Comum. Sem dúvida alguma, fostes abençoados com uma beleza natural estupenda: florestas e rios, vales e montanhas e tantas praias lindas.

Infelizmente, há poucos meses sofrestes o embate de dois ciclones, vistes as consequências do descalabro ecológico em que vivemos. Muitos abraçaram já o imperioso desafio de proteger a nossa Casa, contando-se entre eles tantos jovens. Temos um desafio: proteger a nossa Casa Comum.

Permiti que vos comunique uma última reflexão: Deus ama-vos e, com esta afirmação, estamos de acordo todas as tradições religiosas. «Para Ele, és realmente valioso; tu não és insignificante. Importa-Se contigo, porque és obra das suas mãos. (...) Porque te ama. Procura ficar um momento em silêncio, deixando-te amar por Ele. Procura calar todas as vozes e alarido interior, e para um momento nos seus braços amorosos» (*Ibid.*, 115). Façamo-lo juntos agora [*permanecem uns momentos em silêncio*].

«É o amor do Senhor, que se entende mais de levantamentos que de quedas, mais de reconciliação que de proibições, mais de dar nova oportunidade que de condenar, mais de futuro que de passado» (*Ibid.*, 116).

Eu sei que vós acreditais neste amor que torna possível a reconciliação.

Muito obrigado e, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Que Deus vos abençoe.